A conquista de Monte Castelo
(Itália, 21 de fevereiro de 1945)

TÁCITO THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA(*)

O advento do Nacional Socialismo levou Hitler ao poder, em 1933, como Chanceler e, depois, como Presidente e Ditador da Alemanha.

Já na Itália, o Facismo, implantado desde 1922, ganhava corpo e se lançava, em 1935, à conquista da Abissínia.

Apoiado pelos militares, Hitler abandonou a Liga das Nações. Criou uma poderosa Força Aérea, expandiu o Exército e reorganizou a Marinha. Em 1936, tinha cerca de 1,5 milhão de homens em armas e seus arsenais trabalhavam ativamente. Sentindo-se forte, quando a França firmou um pacto com a Rússia, Hitler, em represália, ocupou a Renânia. Era seu primeiro passo. Em 1938, anexou a Áustria e dominou a Tchecoslováquia.

A Itália, seguindo o exemplo alemão, subjugou a Albânia.

Tirando partido da situação, a Rússia abandonou a França para firmar um pacto de não-agressão com a Alemanha.

A Polônia, negando-se a ceder ao Reich o Corredor Polonês e Dantzig, foi atacada a 1°. de setembro de 1939 e só resistiu 20 dias. França e Inglaterra, embora não podendo socorrer a tempo sua aliada, entraram na luta declarando guerra à Alemanha.

Ao mesmo tempo, a Rússia apossava-se da parte L da Polônia, invadia a Finlândia e ocupava a Letônia, Estônia e Lituânia.

Em abril de 1940 a Alemanha levava a guerra para o N invadindo a Dinamarca e a Noruega. Em maio avançava sobre a Holanda, Bélgica e Luxemburgo e em poucos dias esmagava a França.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Restava só a Inglaterra, que foi submetida a terríveis bombardeios aéreos. Não podendo transpor o canal da Mancha procuravam os alemães atingi-la indiretamente na África do Norte e no Mediterrâneo.

Em abril de 1941 chegava a vez da Iugoslávia e da Grécia e logo depois da ilha de Creta. Sem se refazer da luta Hitler, em junho, ataca seus aliados russos com 180 divisões (20 blindadas) e 3.200 aviões.

A 7 de dezembro desse ano o Japão ataca os Estados Unidos. Toma forma, assim, o Pacto Tripartite mediante o qual Alemanha, Itália e Japão reconheciam a criação de uma "Nova Ordem" na Europa e na Ásia, dando a cada nação o direito de conquistar o espaço vital de que necessitasse.

Nessa época, a guerra já atingia os interesses brasileiros. Ora ingleses, ora alemães interferiam em nosso comércio, paravam nossos barcos, retiravam passageiros ou cargas de bordo e até mesmo realizavam atos de hostilidade. Já se tornava difícil manter neutra a Nação diante do conflito que se alastrava.

A aliança Inglaterra x Estados Unidos nascera com a Lei de Empréstimos e Arrendamento. Veio a consolidar-se com a Carta do Atlântico.

Ao mesmo tempo, os laços de união Pan-americana se fortaleciam com as Reuniões de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, num movimento instintivo de defesa que haveria de surtir os efeitos desejados. Tais reuniões se realizaram logo após três acontecimentos dos mais graves: a rendição da Polônia, a ocupação da França e o ataque a Pearl Harbor.

Na 1ª. Reunião, que teve lugar no Panamá, de 23 de setembro a 3 de outubro de 1939, prevaleceu o desejo de neutralidade; estabeleceu-se uma "zona de segurança" onde os beligerantes não deviam cometer atos de hostilidade.

Na 2ª. Reunião, em Havana, de 21 a 30 de julho de 1940, aprovou-se a "Declaração de Assistência Recíproca e Cooperação para a Defesa" estabelecendo que qualquer tentativa contra a inviolabilidade ou a integridade do território, da soberania ou da independência de um Estado Americano seria considerado como um ato de agressão a todos.

Finalmente, na 3ª. reunião, realizada de 15 a 28 de janeiro, no Rio de Janeiro, considerou-se o ataque japonês como uma agressão a todos os Estados Americanos e imediatamente nove países romperam relações com a Alemanha, Itália e Japão.

Nossas relações diplomáticas com a Alemanha que já vinham esfriando acabaram, assim, sendo rompidas por espírito de solidariedade americana. E aí se intensificou a luta dos corsários inimigos contra nossa Marinha Mercante que haveria de custar-nos a perda de 8 comandantes, 469 tripulantes e 502 passageiros, com o afundamento de 31 navios ou 117.520 t, correspondentes a 20% de toda nossa arqueação naval. Os torpedeamentos atingiram o "Cabedelo", o "Buarque" e o "Olinda", entre 14 e 18 de fevereiro; e foram aumentando: Arabutã, Cairu, Parnaíba, Comandante Lira, Gonçalves Dias, Alegrete, Pedrinhas, Tamandaré, Barbacena e Piave. Finalmente chegaram às costas do Nordeste – Baependi, Araraquara e Aníbal Benevola, todos na noite de 15/16 de agosto e o Itagibe e o Arará, no dia seguinte. Quando a Nação tomou conhecimento desse ato de pirataria perpetrado nas nossas águas, com todo o requinte de selvageria, levantou-se indignada; por toda parte houve manifestações de desagravo à honra nacional. A 22 foi reconhecida "a situação de beligerância entre o Brasil e as Nações agressoras – Alemanha e Itália". A 31 de agosto de 1942 era decretado o estado de guerra em todo o território nacional e logo depois a mobilização geral. Entrava o Brasil na II Grande Guerra quando a situação era obscura e difícil. As potências do Eixo dominavam praticamente toda a Europa, o Mediterrâneo e o Extremo Oriente; seus submarinos estrangulavam as comunicações marítimas nos sete mares com o afundamento de pesada tonelagem diária; suas operações aéreas se caracterizavam pelo bombardeio maciço e indiscriminado das cidades. A Inglaterra apenas resistia e os Estados Unidos estavam ainda se recuperando do ataque a Pearl Harbour que o deixara combalido. Era assim francamente desfavorável a situação dos Aliados quando o Brasil, por um imperativo da honra nacional, resolveu abandonar sua neutralidade e enfileirar-se ao lado dos que combatiam a tirania nipo-nazi-facista.

A partir desse instante redobrou o esforço de guerra da Nação, privada das importações e forçada a exportar a baixo custo suas matérias-primas. A indústria incipiente pouco produzia; os transportes se ressentiam da falta de renovação de material; surgiu o racionamento de combustíveis, energia e gêneros; foi estabelecida a coordenação da Mobilização Econômica; a mão-de-obra foi mobilizada para a Batalha da Borracha e dos Minerais Estratégicos. A receita de 4,5 bilhões de cruzeiros teve que ser reforçada pelas Obrigações de Guerra. No que diz respeito às Forças Armadas o nosso Ditador não seguia o exemplo de seus colegas da Alemanha e da Itália. O Exército tinha apenas 60.000 homens, e seu equipamento, de procedência européia, era antiquado e deficiente. A Marinha tinha 14.000 marujos distribuídos por 2 encouraçados, 2 cruzadores, 7 CT e algumas unidades menores, todas superadas no tipo e no armamento. A Força Aérea, proveniente da fusão das Aviações Militar e Naval, contava apenas com aparelhos já obsoletos face ao rápido desenvolvimento da aviação. A guerra encontrava o país despreparado militarmente, sem comunicações, sem indústria básica. O esforço para equipar o Nordeste ameaçado e isolado e onde se haviam instalado bases aéreas norte-americanas foi muito grande e exigiu sacrifícios enormes. É fácil imaginar: a) o que foi triplicar o efetivo do Exército que não dispunha de reservas capacitadas nem em número suficiente; b) o que foi necessário à Marinha para equipar e levar à ação os novos navios adquiridos; c) o que custou à Força Aérea para ampliar sua estrutura de apoio e preparar pilotos para seus modernos aviões.

Bem ou mal, cumpriram as Forças Armadas sua missão constitucional de defender a Pátria e de desagravar a honra nacional vigiando nossas praias e águas costeiras.

Mas, não poderia a colaboração brasileira à causa aliada limitar-se a uma ação defensiva e, por isto, advogou o general Leitão de Carvalho, Chefe da Comissão Militar Mista de Washington, a participação de uma Força Expedicionária Brasileira ao TO europeu.

Nascia assim a FEB. Consultado o general Mascarenhas de Morais sobre se aceitava o Comando de uma Divisão, respondeu imediatamente o velho soldado ao Ministro da Guerra: "Muito

honrado e com satisfação respondo afirmativamente consulta V Excia acaba fazer-me".

Isto foi a 9 de agosto de 1943.

A organização da 1ª. DIE foi feita à base dos 1º., 6º. e 11º. RI e de Grupos dos 1º. e 2º. RO AR unidades aquarteladas no Rio, São Paulo, Caçapava e S. João Del Rei, isto para não falar no 9º. BE, sediado em Aquidauana. Outras Unidades tiveram que ser criadas, pois não existiam na nossa organização. Pode-se avaliar o que foi mobilizar, fardar, instruir, enquadrar e concentrar essa tropa no Rio de Janeiro.

O transporte dos 25.000 expedicionários para o TO da Itália redundou em complicado problema de E Maior. Os Estados Unidos passaram a fornecer, à medida de suas disponibilidades, dois navios "Gen Mann" e "Gen Meigs" para esse fim.

A 2 de julho partiu o "Gen Mann" com o marechal Mascarenhas e o 1º. escalão de 5.000 homens comandados pelo general Zenóbio da Costa, depois de uma interessante movimentação de tropa destinada a iludir os agentes inimigos. A 22 de setembro cerca de 10.300 homens, constituindo os 2º. e 3º. escalões, partiram do Rio com os grupamentos táticos restantes da 1ª. DIE. Mais dois escalões seguiram para a Itália com elementos de recompletamento da FEB. Todos os combatentes ainda guardam bem nítidos na memória os 14 dias vividos naquelas cidades flutuantes. Ao escurecer, cinqüenta (50) centenas de homens eram trancados no interior do navio até a manhã seguinte. A vida se limitava a assistir aos exercícios de tiro, olhar o mar e admirar a escolta, durante o dia, e em tentar dormir, durante a noite. A chegada ao porto de destino punha de imediato o combatente em contato com os rastros de destruição e miséria deixados pela guerra. Daí para a frente de combate o transporte se fazia por trem, caminhão, navio de desembarque, etc.

Quando a 6 de outubro os 2º. e 3º. escalões aportaram à Itália, o GT 6, que havia chegado a 16 de julho, já tinha recebido armamento, terminado o exercício teste de instrução e sido empregado no vale do Serchio.

É necessário que neste ponto se examine a situação do "Front" italiano para que se tenha idéia do emprego das tropas brasileiras.

Terminada a campanha da África, americanos e ingleses lançaram-se sobre a Sicília. O sucesso obtido ocasionou a fuga de Mussolini que o rei Vitor Emanuel III substituiu pelo general Badoglio. A ação do VIII Exército inglês, ao S da Península, e a queda de Mussolini significavam a possibilidade de próximo afastamento da Itália da guerra. Por isto, o general alemão Kesselring assumiu o controle completo da situação disposto a fazer durar a frente italiana. Para tanto estabeleceu-se defensivamente cobrindo Nápoles e Foggio. E quando o V Ex americano desembarcou nas praias de Salerno teve que lutar desesperadamente para não ser lançado de volta ao mar. Estabelecida a junção dos 5°. e 8°. Exércitos estava constituído o 15°. Gr Ex sob o Comando do general Alexander. Kesselring teve que abandonar a posição e retirar-se para o N estabelecendo uma linha defensiva nos rios Volturno e Garigliano destinado a cobrir Roma. Travou-se nova luta, sangrenta e demorada, onde o mosteiro de Casino passou a constituir uma legenda de heroísmo para os contendores. Só então montaram os aliados um novo desbordamento marítimo com o desembarque em Ânzio. Viram-se assim os alemães compelidos a abandonar a defesa de Roma, considerada "cidade aberta" e onde os aliados entraram triunfantes a 4 de junho de 1944. Dois dias mais tarde operava-se o grande desembarque nas praias da Normandia. Várias grandes unidades foram então retiradas da frente italiana, inclusive o Corpo Expedicionário francês, para constituir o VII Ex destinado a invadir o S da França. Os feitos espetaculares da invasão não impediram que a luta na Itália redobrasse de intensidade. Abandonando Roma, os alemães empreenderam uma retirada para o N, acompanhados de perto pelos aliados. Mas o V Ex do general Mac Clark chegou ao rio Arno muito desfalcado. Preparava-se para atacar na direção Florença-Bolonha quando uma ação do VIII Ex sobre Rimini obrigou os alemães a rocarem meios para L, abandonando o corte do rio Arno e se retirando para a chamada Linha Gótica, estabelecida nos Apeninos e destinada a impedir o acesso ao rico vale do Pó.

Foi neste exato momento, a 13 de setembro de 1944, que o 1º. escalão chegado à Itália passou a constituir um Destacamento sob o comando do general Zenóbio e recebeu ordem de substituir elementos norte-americanos na frente do divisor de águas Tirreno-Serchio a fim de estabelecer contato com o inimigo, sondar-lhe o dispositivo e persegui-lo em caso de retirada. A missão era simples mas o terreno ingrato com elevações de 300 a 1.300m e a frente muito larga. Ali a FEB obteve suas primeiras vitórias e enterrou seus primeiros mortos. Dez dias depois passou a operar no vale do Serchio conquistando novas vitórias e amargando seu primeiro revés. De 13 de setembro a 31 de outubro o destacamento FEB havia progredido 40 km, libertando várias cidades, feito 208 prisioneiros e sofrido 290 baixas. A 10 de novembro assumiu o general Mascarenhas de Morais o controle da totalidade de seus meios e logo iniciou, de conformidade com o que ficara assentado na Conferência do Passo de Futa pelo general Mac Clark, a rocada da sua tropa do vale do Serchio para o vale do Reno, distante 120 km. Diz o nosso Mar Mascarenhas de Morais: "Com certo espanto nosso, a frente de combate assumiu tal tranqüilidade que não se registrou nenhum acontecimento importante durante a montagem do dispositivo. Apesar disso, fôra sobremaneira honrosa e áspera a herança que coubera à Divisão Brasileira naquele setor da guerra". Tinha razão o grande cabo de guerra – sua Divisão, constituída de elementos heterogêneos, estava com um GT em linha há dois meses, com seus GO adestrados e já entrando em linha, mas com dois RI recebendo armamento e equipamento e iniciando a instrução, quando o IV C Ex decidiu reiniciar as operações ofensivas obrigando a 1ª. DIE a fazer emprego prematuro de seus meios. Vem assim, trazido às pressas, o 1º. RI para substituir o 6º. RI. E logo depois o 11º. RI. Ia ter início a fase de Defensiva Agressiva que logo se estenderia até 12 de dezembro.

O setor entregue à 1ª. DIE ficava a oeste de estrada 64, pela qual a 1ª. DB americana tentara inutilmente chegar a Bolonha.

Essa estrada 64, correndo ao longo do vale do Rio Reno é completamente dominada pelas alturas que constituem o divisor

de águas entre esse Rio e o Panaro. Nesse maciço, verdadeiro anfiteatro, destacam-se: M. Belvedere e M. Della Torracia. Intimamente ligado à Torracia, do qual constitui um enorme esporão, está M. Castelo, sentinela avançada desse conjunto montanhoso. Castelo, além de permitir um flanqueamento de fogos admirável, como que se oferece a um ataque, de vez que suas encostas se apresentam suaves comparativamente com as de M. Belvedere. Convém salientar que, para quem atacasse ao longo do divisor, a queda de M. Castelo muito facilitaria a conquista de M. Della Torracia e vice-versa.

O inimigo em presença pertencia à 232 DI, formada e treinada na Alemanha que enquadrava, também, pessoal proveniente da frente russa. Atuando desde setembro de 1944 em território italiano conseguira, mediante aprimorada organização do terreno, tirar o máximo proveito de seu armamento. M. Castelo dispunha de organização original; não havia trincheiras e sim casamatas, algumas sob casas ou mesmo sob árvores e dispostas de tal maneira que se protegiam mutuamente; os campos de minas eram extensos e bem localizados. Baseando seu sistema de defesa no tiro aproximado o disfarce chegava quase à perfeição, de tal sorte que o atacante só podendo identificar uma casamata de muito próximo era, em geral, colhido pelo fogo mortífero antes de poder abrigar-se ou atirar.

Os primeiros ataques a M. Castelo foram realizados a 24 e 25 de novembro de 1944 por um Grupamento Tático da 45 DI norte-americana, reforçado por tropas brasileiras. O ataque do dia 24 redundou em fracasso mas o mesmo não se deu a 25 quando M. Castelo e M. Belvedere foram atingidos. Um contra-ataque alemão apoiado por carros de combate ocasionou a perda de M. Castelo. Além das baixas sofridas pela tropa brasileira em reforço, esses ataques alertaram o inimigo sobre a importância da posição.

Sem perda de tempo, o Comando americano determinou que nova operação fosse levada a efeito mas, dessa vez, por tropas brasileiras. E assim, a Divisão Expedicionária, já distendida numa frente de 15 km, mal treinada e pouco conhecedora do terreno teve que atacar M Castelo a 29 novembro.

O Plano do IV C Ex determinava:

"Primeiro: conquista de M. Castelo, a fim de impedir que o inimigo tivesse vistas sobre a estrada 64;

Depois: atacar a crista Belvedere-Torracia, para repelir o inimigo das cotas 1027 e 1053 daquela crista, mediante ação combinada da 1ª. DIE e Task Force 45."

Foi organizado o Grupamento de Ataque, sob o comando do general Zenóbio da Costa com um Btl de cada RI (I/1, III/11 e III/VI) e três Pels de carros de combate americanos. O apoio seria dado pelos I e II Grupos de Artilharia (I e II brasileiros) em apoio direto e pelo IV GO em ação de conjunto; o IV C Ex reforçaria as ações em proveito do ataque.

A tomada do dispositivo de ataque, durante a noite, foi penosíssima; além do terreno escarpado e enlameado havia necessidade de manter o sigilo. Só isto bastaria para dificultar o ataque na manhã seguinte mas, como se fora pouco, a tropa americana que mantinha M. Balvedere foi contra-atacada, cedendo suas posições e deixando alguns carros e cerca de 60 prisioneiros. Nascia deste modo uma séria ameaça ao flanco esquerdo brasileiro.

Após uma preparação de artilharia o ataque partiu e até o meio-dia progrediu bem, apesar do nutrido fogo inimigo. Na segunda parte da jornada começaram as flutuações, ora à esquerda ora à direita; houve avanços e recuos. A queda precipitada da noite impediu o emprego do Batalhão reserva mas permitiu ao comando retrair seu escalão de ataque.

Mais uma infrutífera tentativa se fizera pela posse de M. Castelo; no entanto, as 190 baixas sofridas pelos brasileiros são um atestado eloqüente do destemor, da bravura e do espírito ofensivo dos nossos oficiais e praças.

Mal refeita do insucesso recebeu a 1ª. DIE, a 5 de dezembro, nova ordem de ataque: capturar e manter a crista Belvedere-Torracia.

Depois de meticuloso reconhecimento e estudo decidiu o general Mascarenhas "capturar e isolar Torracia do maciço Belvedere-Gorgolesco, no primeiro tempo de ação ofensiva", de vez que a larga frente a defender não lhe permitia atacar o escarpado M. Belvedere.

O Grupamento de Ataque, sob o comando do general Zenóbio seria constituído pelo 1º. RI (menos o 1º. Batalhão) e apoiado pelas Cias de Obuses e de Petrechos do 11º. RI, uma Cia de carros de combate americana, dois Grupos de Artilharia (I e II) em apoio direto, e o IV Grupo em ação de conjunto e contando ainda com o reforço de fogos de um grupo americano. O esforço seria feito na direção C. Guanela-Cota 887.

O ataque deveria partir de surpresa, enquanto no flanco direito se faria uma ação diversionária. Os aguaceiros dos dias anteriores tornaram ainda mais difícil a progressão na escarpada zona de ataque. O dia 12 amanhecera chuvoso e uma forte neblina impedia a visibilidade. Esses fatores que facilitariam a surpresa foram anulados por um inesperado bombardeio americano sobre Belvedere, no momento justo em que o Batalhão Franklin transpunha a linha de partida. O Batalhão Syseno pouco progrediu e por isto foi empregado o III/11º. RI, reserva do ataque, o qual se deslocou por um itinerário muito longo, devido ao nevoeiro. Apesar do que se passava à sua direita o Batalhão Franklin lançou-se resolutamente para a frente, transpôs a primeira zona de barragem inimiga, e procurou arrojadamente atingir o cimo do fatídico morro. Alguns bravos chegaram até lá e ficaram para imortalizar com seu gesto o heroísmo do soldado brasileiro. Seus corpos insepultos seriam encontrados mais de 2 meses depois. A reação inimiga foi tremenda e o Batalhão Franklin colhido por fogos frontais e de revés foi obrigado a recuar. Começava a noite a cair rapidamente e por isto às 15 horas foi dada por encerrada a operação. Ainda se ouvia o gargalhar sinistro e agourento da "lourdinha" alemã. Os nossos homens do serviço de saúde trabalhavam sem cessar desde a linha de frente até os hospitais, distinguindo-se por sua coragem, sangue-frio e dedicação. Custou-nos esse combate, além do revés, 140 baixas mas, a História Militar Brasileira ganhou uma página repleta dos mais dignificantes atos de heroísmo.

Profunda foi, no seio da tropa, a repercussão dos insucessos sofridos. Se relembrarmos que o pracinha inexperiente teve que se defrontar com um inimigo que vinha fazendo a guerra há cinco anos; que as baixas sofridas em 28 dias atingiam a mil homens;

que era evidente a desproporção entre os meios empregados e os objetivos atribuídos à 1ª. DIE, pelo comando superior e, ainda, se atentarmos para as variadas circunstâncias que levaram a tropa brasileira a esses sucessivos reveses, então poderemos avaliar melhor os efeitos psicológicos negativos e sua repercussão sobre o moral da tropa.

Mas, das vicissitudes nasceram os ensinamentos e, o maior deles, é o de que o soldado se forja no combate. A confiança em si ele só a adquire sob o fogo inimigo, vencendo as intempéries, sobrepujando os sofrimentos diários naquele inferno que é o campo de batalha.

Com a chegada do inverno o combatente brasileiro se transformou, mesmo na indumentária. Seu valor como homem e como soldado apareceu nítido nas lutas diárias das patrulhas, nos golpes de mão, na luta corpo-a-corpo, nas caminhadas pela "terra de ninguém" e dentro das próprias casamatas inimigas de onde o pracinha ia arrancar, na ponta da faca, o tedesco atrevido e manhoso.

Quando o sol de fevereiro começou a derreter a neve dos Apeninos aqueceu, também, o corpo bronzeado do novo soldado brasileiro.

A aproximação da primavera dava a todos a certeza de uma ofensiva que poria fim a guerra. Já em duas reuniões no QG do IV C. Ex. o general Critenberg expusera seus planos e ouvira a opinião dos comandantes de grandes unidades. Uma operação preliminar seria levada a efeito, ainda em fevereiro, ao longo do divisor de águas do Reno e do Panaro; desta forma, além de privar-se o alemão dos excelentes observatórios de que dispunha conseguir-se-ia uma magnífica base de partida para a ofensiva final. Dessa operação seriam encarregadas a 10ª. Divisão de Montanha americana e a 1ª. DIE; aquela se apossaria de M. Belvedere e a partir daí a Divisão brasileira entraria a seu lado e juntas prosseguiriam.

Do lado brasileiro a operação foi montada minuciosamente consistindo a manobra do general Mascarenhas em:

- ação ofensiva principal, a cargo do 1º. RI contra Monte Castelo-La Serra;

- ação secundária, a cargo do II/11º. RI, destinada a cobrir o flanco L do 1º. RI;

- atitude defensiva no restante da frente.

Ao coronel Caiado de Castro foi dada a missão de:

- atuando na direção geral Gaggio Montano-M. Castelo-La Serra, ultrapassar os elementos da 10ª. Div Montanha na região de Mazzancana e conquistar a região cota 875-Fornace;

- apoderar-se da linha Melandrone-Cravullo-Vale, progredindo pela crista S do Melandrone e pelo eixo Le Concole-Cota 877; e

- atingir a linha Roncovecchio-Seneveglio.

Às 23 horas do dia 19, com dois Regimentos em primeiro escalão, e sem preparação de artilharia, lançaram-se os montanheses do Gen Hays ao ataque. A guarnição de Monte Belvedere foi completamente surpreendida. Ao clarear do dia 20, a 10ª. de Montanha tomou de assalto Monte Belvedere e em seguida, conquistou Gorgolesco. A partir daí a reação alemã foi poderosa; muitos contra-ataques foram desencadeados. Mas ao fim da jornada a 10ª. de Montanha, com o apoio de várias unidades de carro e 150 canhões de vários calibres, atingiu Mazzancana.

Era impossível disfarçar a impaciência dos brasileiros, fruto da incerteza e do nervosismo. Ao escurecer, o Batalhão Uzeda (I/1) substituiu os americanos em Mazzancana, o Batalhão Franklin ocupou sua base de partida, enquanto o Btl Syseno era mantido de reserva.

Amanhecera festivo o dia 21, com o troar dos 66 canhões que apoiavam nosso ataque. A esquadrilha de caça brasileira que desde a véspera vinha cooperando com a 10ª. de Montanha nessa jornada escreveu uma página de glórias para a FAB. Com seus piquês audaciosos atacou um por um os ninhos de resistência germânicos; seu auxílio no combate da infantaria foi uma demonstração do valor e da coragem dos pilotos brasileiros.

Às 05h30 desembocou o ataque da Infantaria que deveria envolver M. Castelo num abraço fatal. Lançou-se ousadamente o major Uzeda ao longo da crista em sua ação de flanqueamento, enquanto o Batalhão Franklin realizava a ação frontal. Convém lembrar que as ações dos brasileiros sobre Castelo e dos americanos sobre Della Torracia seriam simultâneas. Mas tal não se deu porque a reação dos alemães contra os americanos à nossa es-

querda era extraordinária. Nem por isso diminuiu o ritmo do ataque dos brasileiros, superiormente apoiados pela artilharia do general Cordeiro de Farias. Só o Grupo Souza Carvalho nessa jornada consumiu 3.696 projetis e realizou 185 missões de tiro.

Pouco antes do meio-dia começou oBatalhão Uzeda a encontrar encarniçada resistência; metralhadoras e morteiros ceifavam as vidas de nossos homens. Só depois de subjugados os defensores de Carge e Cota 1036 conseguiu o Batalhão retomar a progressão.

Às 14h30 o Batalhão Franklin apossou-se de Fornello e o Batalhão Uzeda conquistou Cotas 930 e 875. Nessa ocasião o Cel Caiado impulsionou sua reserva, ameaçando assim Castelo por mais uma direção (L). Sobre Abetaia prosseguia o Batalhão. Ramagem (II/11 RI).

Às 16 horas a artilharia cobriu M. Castelo com uma potente concentração, engolfando-o numa nuvem de ferro, fogo e fumo.

Num redobrado esforço arrojou-se a infantaria e bem do alto do morro encontraram-se os 1°. e 3°. Batalhões do Regimento Sampaio. Nenhum conseguira antecipar-se ao outro. Eram 17h20.

À vitória de Monte Castelo seguiu-se o combate de La Serra nos dias 23 a 25. Castelnuovo caiu em mãos brasileiras a 5 de março num espetacular ataque cujo final se fez à luz de projetores.

Montese um dos combates mais dispendiosos às armas brasileiras, foi a primeira de uma série de vitórias da ofensiva da primavera, iniciada a 14 de abril. Conquistado Montese a descida dos Apeninos se fez rápida e em combates intermitentes contra o inimigo em retirada; atingidas as fraldas da montanha prosseguiam incansáveis as tropas brasileiras quando se travou o combate de Callechio que marcou o início do cerco da divisão alemã que se concretizaria no combate de Fornovo com a rendição incondicional da 148 DI.

Senhores! 22 anos são decorridos da Vitória de Monte Castelo.

Em memória dos 451 bravos que deram sua vida em holocausto à Pátria, e dos 2.722 feridos, acidentados e mutilados, devemos indagar qual a contribuição da FEB para a vitória final. Pois bem.

Nas diferentes fases da Campanha a 1ª. DIE entrou em contato com treze divisões inimigas. Em 239 dias de ação conseguiu

fazer 20.573 prisioneiros, dentre os quais dois generais e 892 oficiais. Nos doze dias finais de ofensiva, percorreu 400km e libertou cerca de 50 vilas e cidades. Incorporou à História Militar Brasileira, as vitórias de Camaiore, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Zoca, Collechio e Fornovo.

(Em 21.02.2005)